

ções ou jogos fora das sessões de grupo (LINNELL STECHMANN e WATSON, 1975; POMERANTZ, FLANNERY e FINDLING, 1975; MENKS et al., 1977; DAVIS, 1977). VERSLUYS (1980) afirma que um grupo coeso sustenta o paciente enquanto este experimenta e domina as habilidades necessárias para sua sobrevivência física e emocional na comunidade.

Relacionamentos interpessoais, grau de comunicação entre os membros, inter-relação, clima social positivo, confiança etc. parecem ser fatores associados ou às vezes até sinônimos de coesão. A questão que se nos coloca sobre este tema é a relação entre coesão e representação interna de grupo. Esta relação é importante à medida que a coesão, através das manifestações citadas acima, pôde ser observada ou até medida. Não encontramos nada semelhante na literatura com respeito à representação interna. Em um próximo trabalho seria oportuno podermos pensar estratégias, principalmente através do uso de atividades expressivas para nos aproximarmos das representações de grupo que os participantes vão forjando com o decorrer do trabalho grupal.

3.4. As Idéias de Winnicott e os Grupos

As idéias de WINNICOTT (1975, 1978, 1982) estão muito divulgadas no meio psicanalítico, na Psiquiatria, na Pediatria e na área da Educação, entre outras. Mas, pouco se tem escrito e pesquisado a respeito da aplicação de suas idéias ao trabalho com grupos. Embora não tenha trabalhado diretamente com esta modalidade de tratamento, WINNICOTT estudou em profundidade o relacionamento das crianças com seus pais e com instituições, portanto com o grupo familiar e com os grupos escolares e sociais. (MELLO F^o, 1989), em sua prática com psicoterapia analítica grupal, tem percebido grande aplicabilidade dos conceitos teóricos e técnicos de WINNICOTT. O desenvolvimento do grupo parece repetir o desenvolvimento do indivíduo, necessitando assim das mesmas coisas que este.

Vamos examinar alguns aspectos de sua teoria que acreditamos serem úteis ao nosso trabalho.

3.4.1. Winnicott e sua Teoria do Desenvolvimento Emocional

3.4.1.1. Dependência, holding e integração

Acreditando que o ser humano caminha de um estado de dependência absoluta para uma situação de interdependência (indivíduo e ambiente), WINNICOTT postula que a criança precisa de um “ambiente facilitador” para que possa se desenvolver tanto física como emocionalmente. Descreve o *holding* como provisão ambiental indispensável para o desenvolvimento emocional. Forja esta expressão a partir do verbo *to hold*: sustentar, conter, dar suporte. O *holding*, este “ambiente facilitador”, inclui o cuidado materno, que pode suportar sem dominar, sendo que a integração egóica só pode se dar neste ambiente criado pela mãe “suficientemente boa”. A mãe “suficientemente boa” é aquela que pode se adaptar às necessidades da criança em suas diversas fases. No estágio de dependência absoluta também deve haver uma adaptação completa da mãe à criança, o que significa que, além de ter suas necessidades físicas supridas, o imaturo Ego da criança é fortalecido e sustentado (*holding*) pelo Ego-suporte da mãe, que esta é capaz de oferecer porque ela tem a criança em sua mente como uma pessoa inteira.

MELLO F^o afirma que o grupo, no início, apresenta-se não integrado, sendo a soma de partes diferentes não diretamente relacionadas umas com as outras. Depois, contido pelo *holding* do terapeuta, evolui para um estágio de integração. A expressão *holding* guarda muitas relações com o conceito de continente desenvolvido por BION (1973). Esta função não é exercida apenas pelo terapeuta, não sim pela rede ou matriz grupal que vai aos poucos se constituir do.

Se o Ego-suporte da mãe é confiável, a criança pode experi-

mentar momentos de não integração sem que com isso perca sua sensação de continuidade pessoal, ou seja, a sensação de continuidade do ser. Os estados de não integração são estados de não orientação, onde a criança é capaz de existir por um tempo sem ter que reagir a um estímulo externo ou ser uma pessoa ativa. Nestes momentos podem surgir impulsos do Id, o que faz com que uma verdadeira experiência pessoal possa ser vivida. É necessário dar ao bebê o direito de completar esta experiência, sendo que um grande número delas formam a base para uma vida de realidade (ao invés de futilidade). O estado de não integração no adulto é a capacidade de relaxar, ser inconseqüente e aproveitar a solidão.

3.4.1.2. Falhas na adaptação ambiental

WINNICOTT acredita que a etiologia das psicoses se deva a uma falha persistente na adaptação ambiental (cuidados maternos considerados como parte essencial do ambiente) na fase de dependência absoluta, sendo a psicose considerada como um conjunto de defesas contra o trauma de ansiedades inimagináveis. Estas defesas incluem as fantasias de ficar em pedaços, cair para sempre, não ter relação com o corpo, não ter orientação e ficar isolado, sem comunicação. A esquizofrenia seria uma organização em direção à invulnerabilidade: não sofrer mais a ansiedade.

Um outro tipo de organização pode acontecer, quando a falha ambiental ocorre por excesso. É o que WINNICOTT chama de falso self. A mãe não espera o aparecimento do gesto da criança, substituindo-o por seu próprio gesto. Através do falso self se constrói um falso relacionamento onde a criança cresce exatamente como a mãe deseja. Nestes casos, como o verdadeiro self, que tem relação com a realidade, fica escondido, a pessoa sente a vida vazia, fútil e sem sentido.

Tanto oferecer demais quanto não responder ao que a criança precisa obrigam a uma reação por parte desta, que, com isso, interrompe sua experiência de "continuidade do ser". Por outro lado, quando o impulso que surge espontaneamente a partir do

estado de não integração encontra o ambiente no momento e em quantidades exatas, as necessidades da criança podem ser supridas de uma maneira que contribui para a sua experiência de onipotência e sua fantasia de ser o "criador do mundo", momento este que pode ser considerado como o início da criatividade.

3.4.1.3. Em direção à integração

A realidade psíquica interior começa a se constituir a partir da elaboração imaginativa das partes do corpo, suas sensações e funções (fantasias). Depois, funções do pensamento, tais como a comparação crítica, a catalogação e a categorização possibilitam predições e ajudam a preservar a onipotência. A elaboração das funções corporais, enriquecidas pela memória, passa a ser imaginação criativa e é elemento útil no percurso em direção à integração. Num estágio seguinte ao da dependência absoluta, o bebê é capaz de usar a memória e o pensamento para tornar o ambiente perfeito, isto é, ele é capaz de esperar e predizer e, em certo sentido, suprir os fracassos ambientais.

O desenvolvimento do intelecto torna possível a consciência dos cuidados maternos e sua necessidade deles. O não-eu vai se separando do eu e aos poucos a objetividade é alcançada. Os objetos são sentidos como permanentes no tempo e no espaço, podendo ser usados, porque são separados e indestrutíveis pelo desejo onipotente. A criança adquire a capacidade de lidar com a desilusão que vem de contínuas frustrações na experiência de onipotência e começa a se sentir responsável por suas ações.

A criança pode lidar com o princípio de realidade e conectar realidade e fantasias através da criação de uma zona intermediária da experiência, à qual tanto realidade psíquica interna quanto realidade compartilhada externa contribuem. Esta área é a área da ilusão que é permitida à criança e que na vida adulta é inerente à arte e à religião. A ilusão permitida à criança é a ilusão da onipotência.

Nesta área da ilusão ou espaço potencial se dão os fenômenos transicionais e aparecem os objetos transicionais: as primeiras possessões não-eu.

3.4.2. O Espaço Potencial

O desenvolvimento do espaço potencial requer o mesmo ambiente que foi descrito como necessário para o crescimento, principalmente o espaço constituído pelos limites da continência (*holding*) na fase em que a criança desenvolve a confiança na mãe. O espaço potencial é uma área hipotética à qual WINNICOTT deu uma forma para tentar agregar diversos fenômenos de importância prática e teórica, fenômenos estes relacionados com a experiência individual de viver e não apenas "funcionar". É o lugar onde se manifestam as experiências de vida, onde são possíveis atos espontâneos, que dependem da liberdade da vida instintual. Nele se dão os jogos, que são atividades culturais onde há um balanço entre impulso e controle.

No espaço potencial não estamos nem no mundo de sonhos e fantasias, nem no mundo da realidade compartilhada. Estamos em um paradoxal terceiro lugar que agrega partes dos dois outros em si mesmo. Portanto, enquanto o limite entre eu e não-eu é de fundamental importância para a integração, saúde e sanidade, o espaço potencial, o "lugar onde vivemos", transcende estes limites.

O espaço potencial é a área de experiência satisfatória onde a pessoa pode alcançar sensações intensas que pertencem aos primeiros anos da vida e à consciência de estar vivo. Estas experiências pertencem à vida do dia-a-dia, quando se vive criativamente.

WINNICOTT afirma que o espaço potencial é o "lugar" onde os símbolos são usados. Para ele, o ponto de origem da formação dos símbolos está no início da vida quando a mãe sobrepõe, às necessidades da criança, uma realidade externa àquilo que esta concebe. Isto permite à criança emergir do estado em que ela é "o mesmo" que o ambiente e colocar o sobreposto como realida-

de externa que ela acha e descobre. WINNICOTT afirma que entre o bebê e a mãe, no espaço potencial, aparece o brincar criativo que surge naturalmente dos estados relaxados. É aí que se desenvolve o uso de símbolos que suportam ao mesmo tempo os fenômenos do mundo externo e o fenômeno do indivíduo que está sendo visto (o bebê). Os fenômenos transicionais, que estão nas raízes da habilidade individual de usar símbolos, se dão no espaço potencial.

WINNICOTT acredita que entre paciente e terapeuta cria-se um campo, um espaço potencial, onde a psicoterapia pode ocorrer. O "setting" grupal também é um lugar onde a experiência de transicionalidade poderá ocorrer. Diz MELLO F^o: "A existência desse espaço potencial-transicional e a possibilidade de um grupo funcionar em clima de liberdade favorecem também o desenvolvimento de múltiplos fenômenos de criatividade dentro do "setting" grupal" (p. 191).

Na análise que farei do grupo de pacientes psicóticos, descrito neste livro, usarei principalmente a teoria de WINNICOTT, tanto para a compreensão da problemática psicótica quanto para os processos grupais.